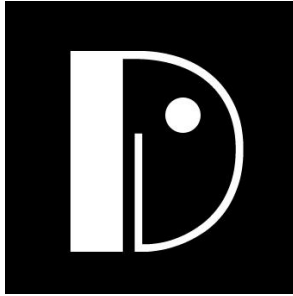




vol.1 n°2



DISSONÂNCIA

DOSSIÊ TEORIA CRÍTICA E FEMINISMO

VOLUME 1, NÚMERO 2, DEZEMBRO/2017

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)



DISSONÂNCIA

Revista de Teoria Crítica do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

ISSN: 2594-5025

EDITORAS-CHEFES RESPONSÁVEIS PELO NÚMERO: Inara Luísa Marin, Ingrid Cyfer, Mariana Teixeira, Bruna Batalhão.

EQUIPE EDITORIAL: Adriano Márcio Januário, Bárbara Santos, Fernando Bee, Olavo Ximenes, Rafael Palazi, Raquel Patriota, Ricardo Lira.

CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO: Alessandro Pinzani (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) – Andrew Feenberg (Simon Fraser University, Canada) – Arnold Farr (University of Kentucky, Estados Unidos) – Clodomiro Bannwart (Universidade Estadual de Londrina, Brasil) – Daniel Peres (Universidade Federal da Bahia, Brasil) – Denílson Werle (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) – Emmanuel Renault (Université Paris-Ouest Nanterre La Défense, França) – Erick Calheiros Lima (Universidade de Brasília, Brasil) – Everaldo Vanderlei de Oliveira (Universidade Federal de Sergipe, Brasil) – Felipe Gonçalves Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil) – Gustavo Leyva Martínez (Universidad Autónoma Metropolitana, México) – Hélio Alexandre da Silva (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil) – Hélio Ázara de Oliveira (Universidade Federal de Campina Grande, Brasil) – Isabelle Aubert (Université Paris I – Panthéon Sorbonne, França) – Jaeho Kang (University of London, Inglaterra) – John Abromeit (The State University of New York) – Josué Pereira da Silva (Universidade Estadual de Campinas, Brasil) – Katia Genel (Université Paris I, França) – Marcos Nobre (Universidade Estadual de Campinas, Brasil) – Miriam Madureira (Universidade Federal do ABC, Brasil) – Olivier Voirol (Université de Lausanne, Suíça) – Peter Erwin – Jansen (Hochschule Koblenz, Alemanha) – Robin Celikates (Universiteit van Amsterdam, Holanda) – Sérgio Costa (Freie Universität-Berlin, Alemanha) – Simon Susen (City University London, Inglaterra) – Stefan Klein (Universidade de Brasília, Brasil) – Stefano Giacchetti (Loyola University Chicago, Itália) – Yara Adario Frateschi (Universidade Estadual de Campinas, Brasil).

DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Fernando Bee.

IMAGEM DA CAPA: Caroline Gaspar.

PARTICIPANTES DO VOLUME

Adriana P. Matos é mestranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo Direito e Democracia do CEBRAP

Ana Catarina Pereira é professora auxiliar na Universidade da Beira Interior

Beatriz Rodrigues Sanchez é doutoranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo

Cynthia Kraus é professora da faculdade de ciências sociais e política da Université de Lausanne

Danielle Petherbridge é professora de filosofia na University College Dublin

Estelle Ferrarese professora de moral e política na Université de Picardie Jules-Verne/ CURAPP-ESS

Gislene Aparecida dos Santos é professora livre-docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP)

Jéssica Omena Valmorbida é doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo

Olivier Voirol é professor de ciências sociais e política da Université de Lausanne

SUMÁRIO

EDITORIAL

Apresentação.....	8
Ingrid Cyfer, Inara Marin, Mariana Teixeira, Bruna Batalhão	

ARTIGO CONVIDADO

O positivo e o político: Iris M. Young e o projeto da teoria crítica.....	14
Olivier Voirol	

ARTIGOS

Diálogos entre a teoria e a prática social: Seyla Benhabib e a fundamentação normativa da crítica.....	50
Adriana P. Matos	
Contestando os limites do político: o lugar da representação na teoria crítica feminista.....	74
Beatriz Rodrigues Sanchez	
Benhabib e um espaço público para sujeitos concretos.....	105
Jéssica Omena Valmorbida	

TRADUÇÕES

Como se coalizar? Corpos aliados e democracia.....	130
Cynthia Kraus	

O que há de crítico na vulnerabilidade? Repensando interdependência, reconhecimento e poder..... 145

Danielle Petherbridge

(Re)fazer a Teoria Crítica: por uma (re)leitura feminista..... 176

Estelle Ferrarese

RESENHA-ENSAIO

Justiça e inclusão: Desafios contemporâneos aos movimentos feministas, na perspectiva de Iris Young..... 195

Ana Catarina Pereira

ENTREVISTA

Quais são os desafios para as intersecções entre feminismo e raça? Entrevista com a professora Gislene Aparecida dos Santos..... 210

Natália Neris, Fernando Bee

COMO SE COALIZAR? CORPOS ALIADOS E DEMOCRACIA^{1*}

Cynthia Kraus

“Como se coalizar?” Eis a questão que propomos discutir a partir da obra de Judith Butler. Tal indagação é duplamente performativa. Primeiramente, ela é um ato de fala butleriano, ou seja, trata-se da citação de uma citação ligeiramente retorcida. Com efeito, a questão de saber “como se coalizar?” – ou, para ser mais precisa, “o que é a coalizão?” – nos remete ao artigo de Butler (2002a) intitulado “O que

¹ Este capítulo é uma versão ligeiramente revisada de meus comentários como debatedora na conferência de Judith Butler no colóquio europeu “O que é coalizão? Reflexões sobre as condições de formação de aliança com a obra de Judith Butler” (Universidade de Geneva, 14 e 15 de maio de 2012) e de minha introdução à abertura desse colóquio.

* N.T.: Para a versão original deste artigo, publicado em edição bilingue (inglês e francês), ver KRAUS, C. “Comment se coaliser? Corps alliés et démocratie”. In: Delphine, G.; Kraus, C. (org.) *Politiques de Coalition: Penser et se mobiliser avec Judith Butler*, e “What is Coalition? Bodies in Alliance and Democracy”. In: *Politics of Coalition: Thinking Collective Action with Judith Butler*. Zurich & Genève: Editions Seismo, 2016, p. 14-33. Utilizamos a versão francesa do texto como base para a tradução, embora também a tenhamos cotejado com a versão inglesa. Agradecemos a permissão concedida pelas edições Seismo, Copyright 2016, Seismo Verlag, para a publicação desta tradução em português.

é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault”² (“What is Critique? An Essay on Foucault’s Virtue”). Nesse artigo, Butler considera a natureza mesma da atividade crítica – seu sentido, objeto e efeitos transformadores, notadamente sua autotransformação – a partir de uma leitura atenta da palestra que Michel Foucault pronunciou em 1978, “O que é a crítica?” (publicada em 1990).

Evidentemente, a questão da crítica é um tópico importante, que permanece aberto nesta obra³. Mas também queríamos redirecionar o foco da crítica para a coalizão, a fim de tematizar uma problemática política que quase não foi estudada na obra de Butler: como se coalizar ou fazer alianças? O tema é atual. Desde o inverno de 2010, manifestações de rua – nas quais pudemos ver pessoas se mobilizando em massa para exigir mudanças democráticas no seu próprio país, bem como para além das fronteiras nacionais⁴ – enfatizaram a necessidade de refletir de maneira crítica sobre as condições de possibilidade, objetos, meios e fins de formar alianças, de trazer transformações políticas e, assim, de uma capacidade de ação coletiva nas escalas local e internacional. É, portanto, à luz desses eventos políticos recentes que nós gostaríamos de debater a “teoria política” de Butler e, de modo mais geral, as dimensões normativas de uma crítica inspirada nas teorias feministas e *queer*, partindo dessa questão pragmática: como se coalizar? Com esta obra, esperamos que essa questão partilhada funcione como um

² N.T.: Butler, J. “O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault”. Tradução de Gustavo Hessmann Delacqua. *Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP)* – N.22, 2013, pp. 159-179.

³ N.T.: “nesta obra” refere-se, doravante, a Delphine, G.; Kraus, C. (org.) *Politiques de Coalition: Penser et se mobiliser avec Judith Butler* – Zurich et Genève: Editions Seismo, 2016.

⁴ Na Tunísia, no Egito, na Síria, e também na Grécia, na Espanha e nos Estados Unidos – para citar apenas os países em que esses movimentos tiveram maior cobertura midiática.

performativo feliz, permitindo renovar nossos modos de compreender as dimensões conflituais da vida social, mas também da intervenção política e da participação na vida democrática.

No que se segue, proponho dizer algumas palavras sobre as questões e preocupações transversais à obra filosófica de Butler desde *Gender Trouble* (1990)⁵ – obra que estabeleceu sua reputação internacional como uma das maiores teóricas do gênero – até suas intervenções mais recentes como pensadora política daquela “outra América”, engajando-se nas posições claramente antiguerra e na crítica afiada ao imperialismo estadunidense e ao Primeiro Mundo (Cf. Butler et al., 2002). Interesse-me particularmente por certas inflexões e novas problemáticas que vemos surgir em seus trabalhos como uma resposta aos eventos de 11 de setembro, que deslocaram o foco de sua reflexão da performatividade do gênero para a direção de uma ética da vida precária (Cf. Butler, 2009a).

Na sua contribuição para este volume⁶, Butler põe em perspectiva três noções-chave: a vulnerabilidade, a precariedade, e a coalizão – noções que nos remetem à questão central do corpo, mas também à possibilidade de formar uma comunidade sobre bases não-identitárias, isto é, sobre bases que são compartilhadas sem funcionar como fundamentos metafísicos ou *a priori* (ver também Butler, 2011a). Algumas dessas questões, em particular aquela do corpo e da

⁵ N.T.: na versão em francês do texto, a autora refere-se à tradução francesa da obra de Butler – *Trouble dans le Genre* (2006[2005]). Há também uma tradução para o português: Butler, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003).

⁶ N.T.: essa referência diz respeito ao texto de Judith Butler publicado na mesma obra em que foi lançada a versão original do presente artigo. Ver Butler, J. “Vulnerability, Precarity, Coalition” // “Vulnérabilité, précarité et coalition”. In: Delphine, G.; Kraus, C. (org.) *Politiques de Coalition: Penser et se mobiliser avec Judith Butler // Politics of Coalition: Thinking Collective Action with Judith Butler*. Zurich & Genève: Editions Seismo, 2016, pp. 251-273 [inglês]; pp. 250-273 [francês].

coalizão, Butler já havia colocado na obra *Gender Trouble*, em que ela submete à crítica desconstrucionista as categorias de identidade – tais como o sexo biológico ou a ideia de um sujeito transcendental, tipicamente “a mulher” ou “as mulheres”, no plural. Esta crítica do pensamento fundacionalista⁷ é também fundamentalmente uma crítica às políticas identitárias e, em particular, à política feminista baseada na identidade estável e unificada da mulher, que predominava na época.

Tal trabalho crítico sobre os fundamentos supostamente necessários da capacidade de agir das mulheres, bem como de todo movimento político, desemboca em duas fortes proposições. Uma delas, teórica, nós conhecemos bem: a famosa teoria da performatividade do gênero. A outra, pragmática e orientada para a ação coletiva, que conhecemos menos, merece por isso uma discussão própria: trata-se do projeto explícito de Butler de teorizar o trabalho de coalizão como uma alternativa possível e desejável frente às políticas identitárias. Parece-me que, desde então, ela não cessou de retornar a essa questão da coalizão, de buscar articular as condições de possibilidade de formar alianças – e não “somente” de realizar a subversão – para que possamos efetivamente conduzir uma política democrática que seja, diz ela, “radical” ou “progressista”.

Butler dará corpo a essas duas proposições em *Bodies that Matter* (1993⁸), obra na qual ela retorna à recepção por vezes controversa de *Gender Trouble*⁹, ao estender sua crítica à convicção persistente de que a materialidade do corpo e do sexo refletiria uma

⁷ A crítica butleriana do pensamento fundacionalista foi por vezes qualificada de “anti-fundacionalista”, um qualificativo que Butler muito rapidamente rejeitará (Cf. Butler, 1995b, p. 133).

⁸ N.T.: O artigo também faz referência à versão francesa – *Ces corps qui comptent* (2009b).

⁹ Ver também o segundo prefácio à edição de 1999 de *Gender Trouble*.

realidade física não construída; em suma, que o corpo e o sexo tomados em sua materialidade constituiriam os fundamentos não-contingentes do sujeito mulher e do sujeito político do feminismo.

A questão dos elos entre corpos e políticas de coalizão não é, portanto, uma novidade. De qualquer modo, apenas recentemente – em outubro de 2011, para ser mais precisa –, quando Butler apareceu em pessoa para manifestar sua solidariedade com o movimento “Occupy Wall Street”, é que essa questão e o seu vocabulário parecem ter recebido um eco público e midiático mais amplo (ver p. ex. Bella 2011). Nessa ocasião, Butler se expressou em termos que valem a pena ser citados: “nós nos reunimos em público, nos unimos enquanto corpos aliados na rua e na praça, estamos aqui juntos construindo a democracia através da frase ‘nós, o povo’”¹⁰. O fato de que a própria Butler possa dizer e se associar a essa expressão “nós, o povo” me parece particularmente interessante. Parece-me que isso traduz tanto a relativa continuidade de sua busca por atualizar as condições de possibilidade de formar comunidade e aliança quanto, ao mesmo tempo, [indica] uma nova inflexão nessa busca.

As implicações teóricas e concretas de uma teoria performativa da formação do sujeito – da capacidade de ação e do agir –, foram objeto de inúmeros comentários, que se voltaram particularmente às questões de gênero e de sexualidade, dos corpos e das identidades. Parece-me, no entanto, que pouco foi dito sobre que significa, precisa e concretamente, implementar uma política democrática. No início dos anos 1990, durante uma debate filosófico com Seyla Benhabib, Drucila Cornell e Nancy Fraser sobre “o feminismo e o pós-

¹⁰ Cita-se a transcrição do vídeo postado no Youtube: <http://feministing.com/2011/10/24/judith-butler-joins-occupy/>. Acessado em 13 de Maio de 2012. Ver também <http://www.youtube.com/watch?v=JVpoOdz1AKQ>. Acessado em 08.05.2012. (N.T.: traduzimos a transcrição citada por Kraus na versão inglesa do artigo).

modernismo” – um tema no mínimo polêmico –, Butler explicou o escopo claramente normativo de sua crítica dita pós-moderna ao sujeito do feminismo:

Uma teoria social comprometida com a disputa democrática dentro de um horizonte pós-colonial precisa encontrar uma maneira de pôr em questão os fundamentos que é obrigada a estabelecer. É esse movimento de interrogar aquele estratagema de autoridade que busca se fechar à disputa que está, em minha visão, no âmago de qualquer projeto político radical. Na medida em que oferece um modo de crítica que efetua essa contestação, o pós-estruturalismo pode ser usado como parte dessa agenda radical. Observem que disse “pode ser usado”: penso que não há consequência política de uma tal teoria, mas apenas uma possível disposição de forças políticas¹¹.

Essa citação demonstra como Butler desde muito cedo articulou – e continua a articular – a relação entre crítica e política, e a necessidade de interrogar todo fundamento naturalizado através de uma prática crítica que, por sua vez, possa constituir um recurso político para as agendas feministas e democráticas. Do mesmo modo, ela nos informa sobre o contexto de recepção de *Gender Trouble* nos Estados Unidos, sobre os debates feministas na época e a relação então tensa – para não dizer antagonista – entre teoria e política, bem como entre política (compreender “as identidades”) e coalizão.

Sem dúvida, vale a pena lembrar aqui duas coisas. Primeiramente, que o interesse de Butler pelas políticas de coalizão em *Gender Trouble* nasceu no contexto crítico de uma crise do feminismo, cuja unidade se encontrava minada pela interseccionalidade de numerosas outras variáveis tais como a sexualidade, a classe, a raça ou mesmo a nacionalidade – para citar apenas alguns exemplos de uma lista que, longe de ser exaustiva,

¹¹ N.T.: Utilizamos a versão em português: Butler, J. “Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo”. Tradução de Pedro Maja Soares. Cadernos Pagu (11), 1998: p.17.

termina habitualmente com um “etc”. Lembremos igualmente que a teoria da performatividade do gênero tal como formulada por Butler visa repensar a política – e não “apenas” o gênero, o corpo, o sujeito e a capacidade de agir – em termos performativos, ao invés dos de representação (ver também Butler e Scott, 1992).

Na contribuição a esta obra, Butler evoca a questão da representação política, a ideia democrática da representação, um ideal que muitas vezes é menosprezado na realidade (Butler, 2016¹²). Se direcionarmos a questão da representação para esse desafio democrático que é a delegação política – e que não se reduz a uma política de identidade – podemos nos perguntar o que quer dizer “representar” numa perspectiva centrada em nossa comum precariedade de contraposições às formas desiguais que persistem em nossa vida e na vida política. Penso particularmente em uma passagem:

esta congregação de corpos é, de algum modo, um exercício da vontade popular e uma maneira de afirmar sob uma forma corporal uma das proposições mais fundamentais da democracia, a saber, que as instituições políticas e públicas devem representar o povo, e devem fazê-lo pelos meios que estabelecem a igualdade como uma pressuposição da existência social e política” (BUTLER, 2016).

O que exatamente se pode entender por “exercício da vontade popular”? Essa passagem nos faz pensar que a questão da delegação política permanece intacta, uma vez levada a cabo a necessária crítica da representação enquanto pura mimesis ou enquanto “espelho da natureza” (para utilizar uma expressão de Richard Rorty, 1979). É ao menos assim que eu começarei a tratar da possibilidade, da

¹² N.T.: Essa referência diz respeito ao texto de Judith Butler publicado na mesma obra em que foi lançada a versão original do presente artigo. Ver BUTLER, J. “Vulnerability, Precarity, Coalition” // “Vulnerabilité, précarité et coalition”. In: Delphine, G.; Kraus, C. (org.) *Politiques de Coalition: Penser et se mobiliser avec Judith Butler* // *Politics of Coalition: Thinking Collective Action with Judith Butler*. Zurich & Genève: Editions Seismo, 2016, pp. 251-273 [inglês]; pp. 250-273 [francês].

desejabilidade, e mesmo da renovada urgência, de se exigir a igualdade nos termos de uma democracia representativa, e de poder dizer “Nós, o povo”.

A questão de um “nós” precisamente como uma questão que atravessa o conjunto de trabalhos de Butler encontra-se no centro de suas reflexões sobre as condições de possibilidade de fazer aliança, e de fazê-la com e enquanto corpos. Ao mesmo tempo, a possibilidade de afirmar e reivindicar um “nós” emerge de uma trajetória distinta. Uma análise mais global permitiria associar a essa trajetória temas políticos maiores que percorrem o conjunto de sua obra como, por exemplo, as relações entre o poder, o desejo, o amor e a paixão; o trabalho das normas na formação do sujeito; ou ainda uma concepção não naturalizada da capacidade de agir e da ação, temas que já aparecem em sua primeira obra, *Subjects of Desire* (1987)¹³ ou mesmo em *The Psychic Life of Power* (1997)¹⁴.

Para tornar mais simples, pode-se dizer que Butler trabalha a questão da possibilidade de formar comunidade e alianças a partir de duas noções-chave. A primeira noção é a da vulnerabilidade, em particular a vulnerabilidade corporal que Butler – por uma leitura em parte psicanalítica – começa a vincular à perda, ao trabalho do luto, e à sua negação: a melancolia. Num artigo intitulado “Violence, Mourning, and Politics”¹⁵, Butler considera como a questão da perda pode nos unir :

As questões que me preocupam à luz da recente violência global são: quem conta como humano? Quais são as vidas que contam como vidas? E, finalmente, o que faz uma vida ser digna de luto? A despeito de nossas diferenças de lugar e história, meu palpite é o de que é possível

¹³ N.T.: versão francesa referenciada: *Sujets de désir* (2011c).

¹⁴ N.T.: versão francesa referenciada: *La vie psychique du pouvoir* (2002b).

¹⁵ Publicado em inglês em 2003 (ver Butler 2003a) e no mesmo ano em francês, na revista *Nouvelles Questions Féministes* (2003b), depois reproduzido em *Vie précaire* (2005). (N.T.: na versão francesa, com o título “Violence, deuil, politique”).

apelar a um “nós” porque todos temos uma noção do que é perder alguém. A perda faz com que sejamos um ténue “nós”¹⁶.

As preocupações de Butler quanto à questão da vulnerabilidade, do luto, da perda ligada à morte ou à doença, aparecem ao longo dos anos 1990 no contexto da epidemia de AIDS e da primeira onda de mortes que permaneciam excessivamente discretas, frequentemente lamentadas em segredo. Assim, não é surpresa constatar que, por exemplo, *Excitable Speech* (1997)¹⁷ ou mesmo *Antigone's Claim* (2002)¹⁸, e *Bodies that Matter* abordam de modo bastante direto essas questões. Dito isso, a questão de “reimaginar a possibilidade de formar comunidade sobre a base da vulnerabilidade e da perda” (Butler, 2003b, p. 72) será explicitamente tematizada na relação com e em reação à dita guerra contra o terrorismo. Nesse contexto, é o discurso agressivo da invulnerabilidade, a denegação da vulnerabilidade – em suma, a *hybris* estadunidense –, que Butler quer colocar em causa em primeiro lugar. Não é, portanto, acidental o seu interesse por uma política de coalizão, e suas formulações a esse propósito se afirmam com uma força e uma clareza renovadas desde os eventos de 11 de setembro – de *Precarious Life* (2004¹⁹) e *Giving an Account of Oneself* (2005²⁰) até *Frames of War* (2010a [2009]²¹).

É certamente em *Frames of War* que Butler enuncia mais clara e fortemente sua proposição de um “nós” coalizional. Ela escreve: “O objetivo dessa obra é o de reorientar a política da esquerda ao fazer com que ela leve em conta a precariedade como um lugar existente e

¹⁶ Cf. BUTLER, 2006 [2004], P. 20. (N.T.: tradução nossa, feita do original em inglês. Para a versão francesa, ver BUTLER, 2003b, p.72-73).

¹⁷ N.T.: versão francesa referenciada: *Le Pouvoir des mots* (2004).

¹⁸ N.T.: versão francesa referenciada: *Antigone: La parenté entre vie et mort* (2003c).

¹⁹ N.T.: versão francesa referenciada: *Vie Précaire* (2005).

²⁰ N.T.: versão francesa referenciada: *Le Récit de soi* (2007).

²¹ N.T.: versão francesa referenciada: *Ce qui fait une vie* (2010b).

promissor para formar todo tipo de coalizão” (Butler, 2010a [2009], p. 28, tradução nossa²²). A precariedade – ou melhor, a vida (ou condição) precária (*precariousness* em inglês, e voltarei a isso mais adiante) – é então a segunda noção a partir da qual Butler explora a possibilidade de formar comunidade, dessa vez com uma referência explícita à ética de Emmanuel Lévinas.

Essas duas noções, a vulnerabilidade e mais recentemente a vida precária (*precariousness*) implicam uma nova ontologia e uma nova teoria social do corpo-em-sociedade, para pensá-lo nos termos de uma radical interdependência. Essa tese não é propriamente nova. Podemos encontrá-la já formulada em *Bodies that Matter*. Ao mesmo tempo, há qualquer coisa de novo que formularei aqui: parece-me que o projeto da época, que era o de submeter a matéria do corpo e do sexo à desconstrução, toma uma direção cada vez mais “reconstrutiva”, ou mesmo “afirmativa”. Com efeito, parece-me que a noção de vida precária (*precariousness*) permite Butler *rematerializar* os corpos enquanto matéria e, mais do que isso, como uma matéria viva. Deve-se compreender aqui “rematerializar” no sentido forte, não substancialista, já empregue por exemplo por Gaston Bachelard na perspectiva do realismo construído (1938), mas também – e talvez sobretudo – por François Dagognet em sua “materiologia”, que então deveria ser apropriada para os projetos feministas (ver Kraus, 2005). Ademais, com uma noção de vida precária (*precariousness*) que visa caracterizar não somente os corpos, mas a vida ela mesma, Butler busca nomear uma condição que os humanos, enquanto seres integrados, partilham com todos os organismos vivos. Com essa noção, parece também que Butler gostaria de estender seu gesto ontológico e seu projeto político às formas de vida não-humanas.

²² N.T.: traduzimos diretamente a citação.

Convém frisar que a noção de precariedade (*precarity* em inglês) não é realmente sinônimo de “vida” ou “condição precária” (no sentido de *precariousness*). Parece que podemos de fato reservar nossos usos do termo “precariedade” para falar de uma instanciação específica, de largo espectro, eminentemente política, da vida precária (*precariousness*): quando essa condição se torna o alvo privilegiado da biopolítica neoliberal. Isso porque uma política de coalizão baseada nessa condição precária deve também, fundamentalmente, dar-se à tarefa de teorizar a precariedade, a saber, todas as desigualdades que persistem na formação e gestão dessa condição precária e, assim, dos sujeitos como formas de vida em sociedade. Essas desigualdades nos levam a lutar por uma política da igualdade, da responsabilidade, e da proteção das condições de subsistência e de persistência dos corpos, para que todos possam viver plenamente sua vida (ver também Butler, 2009b). Além disso, nossa vida ou condição precária (*precariousness*) na verdade nos engaja num terreno normativo que excede aquilo que habitualmente entendemos por “política”. Podemos ver isso em *Giving an Account of Oneself* (2005), onde Butler articula sua ontologia e sua política da vida precária à uma epistemologia que nota os limites do conhecimento de si, um relativo não-conhecimento que a faz formular uma ética crítica de todos os fundamentos naturalizados e das exclusões/omissões que os sustentam; em suma, trata-se de conceber a crítica e a autocritica como uma ética.

Para concluir, gostaria de voltar a um ponto que considero particularmente interessante, porque traduz bem o duplo movimento entre continuidade e novidade que se desenvolve no conjunto da obra de Butler. Como podemos ler em sua contribuição a esta obra, Butler define a vida precária como um “não-fundamento comum” (ver Butler, 2016). Tal formulação captura bem o espírito crítico que anima sua obra e sua busca por uma condição partilhada que não seja uma pré-condição no sentido de um fundamento, por uma condição

que pudesse assim inaugurar a possibilidade de formar comunidade. Ao mesmo tempo, ela nos oferece também uma outra definição da vida precária: é um “não-fundamento comum” e também é simultaneamente uma circunstância não-contingente (ver Butler, 2016)²³. O que me chama atenção aqui é que Butler nos diz claramente que a condição compartilhada por um “nós” é não-contingente. A meu ver, há aqui algo de muito novo, para não dizer sem precedentes. Isso porque a reiterada afirmação de “fundamentos contingentes” constitui, se assim podemos dizer, a marca do pensamento de Butler (ver p.ex. Butler, 1995a). Parece-me que o que ela quer dizer é que a vida precária no sentido de *precariousness* não é um fundamento contingente porque essa noção nos remete e nos fala de um tipo particular de ontologia: uma questão factual dada depois do fato; uma questão de vida (e de morte), que no entanto não tem nada a ver com uma “vida nua”, uma vez que não há vida que não seja, desde o início, social. Em suma, a vida ou condição precária é fundamentalmente uma questão aberta, que nos interroga e nos abre para os outros. Ela é, nesse sentido, uma inquietação, uma preocupação, um esforço coletivo em direção ao qual nós devemos estender nossa imaginação científica e política.

TRADUÇÃO: Raquel Patriota

REVISÃO: Ricardo Lira

²³ De fato, Butler diz isso explicitamente a propósito da vulnerabilidade – mais do que em relação à vida precária. Contudo, parece-me que o estatuto ontológico da vida precária no sentido de *precariousness* é, no pensamento político de Butler, aquele de uma circunstância não-contingente. Da mesma forma, penso que a descrição de Butler da vida precária como um “não-fundamento comum” vale igualmente para a vulnerabilidade. Esse é o motivo pelo qual eu os discuto aqui conjuntamente.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD Gaston (1938). *La formation de l'esprit scientifique. Contribution à une psychanalyse de la connaissance objective*, Paris: Vrin.
- BELLA Kyle. (15.12. 2011). "Bodies in Alliance: Gender Theorist. Judith Butler on the Occupy and SlutWalk Movements." <http://truth-out.org/news/item/5588-bodies-in-alliance-gender>. Acessado em 30.04.2012.
- BUTLER Judith (1995a). "Contingent Foundations", in BUTLER Judith, BENHABIB Seyla, CORNELL, Drucilla & FRASER. Nancy. *Feminist Contentions: A Philosophical Exchange*, Routledge, New York, pp. 35-58.
- BUTLER Judith (1995b). "For a Careful Reading", in BUTLER Judith, BENHABIB Seyla, CORNELL, Drucilla & FRASER. Nancy. *Feminist Contentions: A Philosophical Exchange*, Routledge, New York, pp. 127-144.
- BUTLER Judith (1999, 2a éd. [1990]). *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*, New York, Routledge.
- BUTLER Judith (2002a). "What is Critique? Essay on Foucault's Virtue". <http://tedrutland.org/wp-content/uploads/2008/02/butler-2002.pdf>. Documento PDF (14 p.)- 18.11.2011.
- BUTLER Judith (2002b). *La Vie psychique du pouvoir*, Paris, Editions Léo Scheer.
- BUTLER Judith (2003a). "Violence, Mourning, and Politics", *Studies in Gender and Sexuality*, vol. 4, no 1, pp. 9-37.
- BUTLER Judith (2003b). "Violence, deuil, politique", *Nouvelles Questions Féministes*, vol. 22, no 1, pp. 72-96.
- BUTLER Judith (2003c). *Antigone. La parenté entre vie et mort*, Paris, EPEL.

- BUTLER Judith (2004). *Le Pouvoir des mots. Politique du performatif*, Paris, Editions Amsterdam.
- BUTLER Judith (2005). *Vie précaire. Les pouvoirs du deuil et de la violence après le 11 septembre 2011*, Paris, Editions Amsterdam.
- BUTLER Judith (2006 [2005]). *Trouble dans le genre. Le féminisme et la subversion de l'identité*, Paris, La Découverte/Poche. (Nota da autora: o subtítulo da primeira edição francesa de 2005 é *Pour un féminisme de la subversion*. Prefiro a edição de bolso de 2006, que revisei parcialmente e que traz um subtítulo mais próximo da versão inglesa).
- BUTLER Judith (2007). *Le récit de soi*, Paris, PUF.
- BUTLER Judith (2009a [17.12.09]). “From performativity to precarity”. <http://vimeo.com/11521534>. Consultado em 13.05.2012.
- BUTLER Judith (2009b) *Ces corps qui comptent : De la matérialité et des limites discursives du “sexe”*, Paris, Editions Amsterdam.
- BUTLER Judith (2010a [2009]). *Frames of War. When Is Life Grievable?* New York, Verso.
- BUTLER Judith (2010b). *Ce qui fait une vie. Essai sur la violence, la guerre et le deuil*, Paris, La Découverte.
- BUTLER Judith (2011a). “Bodies in Alliance and the Politics of the Street”. <http://eipcp.net/transversal/1011/butler/en/print>. Consultado em 30.04.2012.
- BUTLER Judith (2011b [12.12.11]) “From and Against Precarity”. <http://occupytheory.org/read/from-and-against-precarity.html>. Consultado em 08.05.2012.
- BUTLER Judith (2011c). *Sujets du désir. Réflexions hégéliennes en France au XXè siècle*, (1987-1999), Paris, PUF.
- BUTLER, Judith. (2016) “Vulnerability, Precarity, Coalition” // “Vulnerabilité, précarité et coalition”. In: Delphine, G.; Kraus, C. (org.) *Politiques de Coalition: Penser et se mobiliser avec Judith Butler* // *Politics of Coalition: Thinking Collective Action with*

Judith Butler. Zurich & Genève: Editions Seismo, 2016, pp. 251-273 [inglês]; pp. 250-273 [francês].

BUTLER Judith & SCOTT Joan W (eds.) (1992). *Feminists Theorize the Political*, New York, Routledge.

BUTLER Judith et alii (2002). *L'autre Amérique. Les Américains contre l'état de guerre*, Paris, Textuel.

Dagognet François (1989). *Rematéraliser*, Paris, Vrin.

FOUCAULT Michel (1990 [retranscription d'une conférence donnée en 1978]). "Qu'est-ce que la critique? (Critique et Aufklärung)". *Bulletin de la Société française de philosophie*, 1990, vol. 84, no 2, p. 35-63.

KRAUS Cynthia (2005). "Avarice épistémique et économie de la connaissance: le pas rien du constructionnisme social", in ROUCH Hélène, DORLIN Elsa & FOUGEYROLLAS Dominique (eds.), *Le Corps, entre sexe et genre*. Paris: L'Harmattan/Bibliothèque du féminisme, pp. 39-59.

RORTY Richard (1979). *Philosophy and the Mirror of Nature*, New Jersey, Princeton University Press.